

Negociação só em 19 de janeiro

Fritz Utzeri
Correspondente

Paris — O Brasil e os 15 países credores do Clube de Paris decidiram ontem realizar uma reunião negociadora no próximo dia 19 de janeiro, anunciou ontem o embaixador Álvaro Alencar, assessor de relações internacionais do Ministério da Fazenda, ao sair do Palácio Majestic, após nove horas de reuniões dos credores, às quais não assistiu, limitando-se a fornecer informações.

A reunião de ontem, como estava previsto pelo próprio Clube de Paris, era ordinária e sem caráter de negociação. Durante uma reunião de negociações — segundo os procedimentos do Clube — acaba-se sempre chegando a alguma forma de acordo, mas ontem os dois negociadores brasileiros, Alencar e Antonio de Pádua Seixas, encarregado da área internacional do Banco Central, mostravam-se comedidos e vagos ao deixar o local das reuniões.

O Brasil quer renegociar dois bilhões de uma dívida total de nove bilhões de dólares com os seus credores do Clube e poder, assim, voltar a obter desses países credores garantias e créditos para a importação.

Cercado pelos jornalistas, que durante a maior parte do dia não tiveram acesso sequer ao hall do centro internacional de convenções, na Avenida Kleber, o embaixador Álvaro Alencar chegou a afirmar que o Brasil, nos últimos dois dias, não negociou com o Clube de Paris, limitando-se a fornecer informações e conseguindo o seu objetivo, que era de marcar a data da renegociação.

— Isso é parte de um processo que as autoridades monetárias brasileiras vêm desenvolvendo para normalizar as relações com a comunidade financeira internacional — disse, acrescentando que a marcação da reunião de negociação só foi possível porque o Clube de Paris recebeu uma indicação do FMI, que julgou positiva.

Questionado se a marcação dessa reunião indicava que um acordo com o Clube estava praticamente concluído, Álvaro Alencar foi enfático e curto: “Não”. Segundo o embaixador, nem os credores perguntaram, nem o Brasil conversou sobre a posição do FMI. Ele foi perguntado com insistência se o relatório favorável do FMI poderia servir de pano de

fundo a um acordo no âmbito do Clube, abrindo um precedente. “Essa pergunta deve ser feita ao Clube de Paris”, frisou o embaixador.

Outro ponto abordado pelos jornalistas foram as sucessivas notícias vindas de Brasília, algumas em tom de triunfo em que as negociações com o Clube de Paris estariam concluídas: “Nunca nenhuma pessoa autorizada disse isso”, reagiu Álvaro Alencar.

Para Antonio de Pádua Seixas e Álvaro Alencar, o processo de retomada das conversas com o Clube de Paris facilita a reabertura das negociações com os bancos internacionais, mas não existe, segundo eles, uma relação entre os dois processos. Acrescentaram ainda que, quanto aos bancos, não há até o momento qualquer reunião marcada.

Os dois foram chamados ao Palácio Majestic, às 11h30min e só saíram dali, direto para o aeroporto, às 20h30min. Os membros das delegações dos credores também deixavam o centro de convenções carregando suas bagagens. Além do Brasil, ontem estava sendo discutida a dívida do Marrocos. No meio da tarde, um diplomata com acesso à reunião comentou, referindo-se à discussão sobre o Brasil, que o clima “está mais duro que parecia”.

Pouco antes do final do encontro, um delegado holandês saiu do centro de convenções e, abordado, criou uma grande expectativa ao afirmar que se havia chegado a um acordo “bom para o Brasil e para os credores”. Quando os representantes brasileiros apareceram na porta do centro, a expectativa desfez-se. Os dois dias em Paris serviram mesmo para marcar a conversa de Janeiro.

A impressão que ficou é que corraera muito papel e muitos esclarecimentos ainda terão que ser prestados até 19 de janeiro e os brasileiros, embora não participassem das reuniões — o Clube adota um sistema de encontros múltiplos com o secretariado do Tesouro francês servindo como ponte —, podem ter recebido recomendações dos credores destinadas a verificar melhor o alcance do papel do Fundo no programa de ajuste do Brasil.

A Nigéria, por exemplo, que concluiu sua negociação com o Clube terça-feira, também não será estritamente monitorada pelo Fundo, mas adotou um programa de austeridade — exigido pelos credores